

UM MODELO TEÓRICO/DIDÁTICO DO GÊNERO TEXTUAL RELATO PESSOAL

A THEORETICAL/TEACHING MODEL OF THE GENRE PERSONAL REPORT

Gabriela Aparecida Vidotti¹

Marilúcia dos Santos Domingos²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo elaborar um modelo teórico/didático do gênero textual relato pessoal. O modelo é uma ferramenta que possibilita a identificação dos elementos que caracterizam um gênero e é o primeiro procedimento para a transposição didática, conforme os preceitos do Interacionismo Sociodiscursivo. Para a elaboração, tomamos como norte o Dispositivo Didático de Gêneros, elaborado por Barros (2012), e realizamos pesquisa bibliográfica e exploratória. O *corpus* é formado por três exemplares de relatos pessoais e os resultados da investigação colocaram em evidência as especificidades que constituem o gênero, no que se refere aos aspectos que formam o contexto de produção, as características discursivas e as linguístico-discursivas.

Palavras-chave: Gênero textual. Modelo teórico/didático de gênero. Relato pessoal.

ABSTRACT

This work aims to develop a theoretical/didactic model of the personal report textual genre. The model is a tool that makes it possible to identify the elements that characterize a genre and is the first procedure for didactic transposition, according to the precepts of Sociodiscursive Interactionism. To develop it, we took as a guide the Didactic Device of Genres, developed by Barros (2012), and carried out bibliographic and exploratory research. The corpus is formed by three examples of personal reports and the results of the investigation highlighted the specificities that constitute the genre, with regard to the aspects that form the context of production, the discursive characteristics and the linguistic-discursive characteristics.

Keywords: Genre textual. Model theoretical/didactic the genre. Personal report.

Introdução

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), o ensino de uma língua por meio dos gêneros textuais possibilita aos alunos o desenvolvimento de capacidades de linguagem fundamentais às interações que acontecem nas diferentes atividades comunicativas. Nesse sentido, tomar os gêneros textuais como conteúdos específicos no processo de ensino e aprendizagem é

¹ Graduada em Letras- Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Professora da Secretaria da Educação do Estado do Paraná. gabriela_vidotti@hotmail.com

² Doutora em Estudos da linguagem. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). marilucia@uenp.edu.br

importante e recomendado pelos documentos orientadores das ações docentes, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018).

A ideia é que a internalização de um gênero promove ampliação das capacidades de linguagem dos alunos para sua produção textual, oral e escrita (DOLZ; SCHNEUWLLY, 2004). De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), capacidades de linguagem referem-se às aptidões necessárias ao indivíduo para a ação languageira.

Sustentados por esses e outros preceitos do ISD, neste trabalho, interessamo-nos em conhecer como se constitui o gênero textual relato pessoal. Acreditamos que o relato pessoal seja uma significativa ferramenta para que o aluno desenvolva a prática discursiva da produção textual. Em uma apresentação inicial, conforme Costa (2012, p. 202), o relato é uma “narração não ficcional escrita ou oral sobre um acontecimento ou fato acontecido”. Seja na oralidade ou na escrita, esse gênero está inserido no domínio da “documentação e memorização das ações humanas” (DOLZ; SCHNEUWLLY, 2004, p. 60). Assim, produzir um relato é, em síntese, reproduzir algo vivido por aquele que o produz, o que, conforme a BNCC (BRASIL, 2018), é um ponto de partida importante para que o autor de um texto se reconheça como protagonista de seu texto.

O interesse de conhecer mais sobre o gênero relato pessoal refere-se também a nossa atuação como bolsistas do projeto Residência Pedagógica, subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Cornélio Procopio, intitulado Oralidade e Ensino Residência Pedagógica. Esse programa tem como objetivo proporcionar experiência de docência aos graduandos dos cursos de licenciatura. E, o referido projeto visa a promover o estudo de vários gêneros textuais, bem como a elaboração de sequências didáticas para o trabalho em sala de aula, com alunos da Educação Básica. Assim, interessamo-nos em conhecer, de forma mais aprofundada, os elementos característicos do relato pessoal, visto que esse é um dos gêneros textuais que serão transformados em conteúdo escolar, por meio de sequências didáticas nas ações docentes do Residência.

Logo, neste trabalho, nosso objetivo é elaborar um modelo teórico/didático do gênero textual relato pessoal, a fim de conhecer seus elementos característicos. Para tanto, apoiamo-nos teórico-metodologicamente nos estudos do ISD.

Fundamentação teórica

Conforme Machado e Cristóvão (2006), quando escolhemos um determinado “conjunto” de conhecimentos – no caso deste trabalho, o relato pessoal – e nos propomos a ensiná-lo, o gênero deve passar por uma série de modificações, a fim de que se transforme em conteúdo escolar. A esse processo, conforme essas e outros pesquisadores do ISD, dá-se o nome de transposição didática, a qual contempla três níveis básicos: 1) o “conhecimento científico” passa pela primeira etapa de transformação, a fim de que seja um “conhecimento a ser ensinado”; 2) O conhecimento a ser ensinado passa a ser “conhecimento efetivamente ensinado”; 3) e depois a “conhecimento efetivamente aprendido” (MACHADO; CRISTOVÃO, 2006, p. 252). A modelização diz respeito à primeira etapa da transposição didática.

Ainda segundo Machado e Cristóvão (2006), modelos didáticos de gêneros são objetos descritivos e operacionais que, quando construídos, facilitam a apreensão da complexidade do ensino e da aprendizagem de um determinado gênero. Por meio do modelo, é possível conhecer as características (acionais, discursivas, linguísticas) de um gênero, e, sobretudo, selecionar as dimensões ensináveis, com vistas a um ano escolar/nível de ensino. Assim, é a partir do modelo que as sequências didáticas são construídas. Nesse sentido, para Dolz, Gagnon e Decândio (2010), o modelo forma “bancos de dados de um procedimento gerativo para a construção de todo um conjunto de sequências didáticas” (DOLZ, GAGNON; DECÂNDIO, 2010, p. 50).

Contudo, Barros (2012) defende que um modelo didático é, a princípio, um instrumento teórico. Nas palavras da pesquisadora,

Acreditamos, porém, que o modelo do gênero pode ser visto, a priori, apenas teoricamente, isto é, sua construção não necessitaria levar em conta as capacidades dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino. Ele pode ser elaborado, a princípio, de forma genérica e servir como base teórica para a elaboração de diversas SD – essas, sim, precisam ser adaptadas a um contexto de ensino específico, uma vez que se configuram ferramentas didáticas que possibilitam a transposição do conhecimento teórico de um gênero para o conhecimento a ser ensinado (BARROS, 2012, p. 15).

Assim, primeiro, o que é construído é um modelo teórico, o qual dá suporte para a construção do modelo didático. Logo, a denominação dada por Barros (2012) é modelo teórico/didático de gênero.

A respeito de como elaborar um modelo teórico/didático, é possível tomar como norte os procedimentos de análise de textos sugeridos por Bronckart (2003), primeiro, recolhendo um conjunto de exemplares do mesmo gênero e, depois, analisar os elementos que formam o

contexto de produção e a infraestrutura textual que formam o *corpus*. Para auxiliar nesse processo, Barros (2012) construiu uma ferramenta chamada pela pesquisadora de Dispositivo didático de gênero, o qual é formado por um conjunto de perguntas que podem auxiliar o analista a conhecer os elementos essenciais do gênero. A seguir, transcrevemos o Dispositivo, com algumas adaptações, uma vez que apresentamos apenas as perguntas direcionadoras ligadas ao gênero relato pessoal.

Quadro 1: Dispositivo Didático de gêneros

Elementos do contexto de produção
<ul style="list-style-type: none"> • A qual prática social o gênero está vinculado? • É um gênero oral ou escrito? • A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? • Quem produz esse gênero (emissor)? • Para quem se dirige (destinatário)? • Qual o papel discursivo do emissor? • Qual o papel discursivo do destinatário? • Com que finalidade/objetivo produz o texto? • Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? • Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)?
Elementos discursivos
<ul style="list-style-type: none"> • É um narrar acontecimentos vividos (relato)? • Como é a estrutura geral do texto? É dividido em partes? Tem título/subtítulo? Qual sua extensão aproximada? Acompanha fotos/figuras? • Como são organizados os conteúdos no texto? Em forma de lista? Versos? Prosa? • Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva?
Elementos linguístico-discursivos
<ul style="list-style-type: none"> • Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? E os tipos de verbo: ação? Estado? • Quais os tipos de conectivo usados: lógico (mas, portanto, assim, dessa forma, etc.)? Temporal (era uma vez, um dia, depois, amanhã, etc.)? Espacial (lá, aqui, no bosque, etc.)? • Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe? • Qual o tom do texto? Mais descontraído? Humorístico? Objetivo? Poético? Coloquial? Sólido? Familiar? Moralista? De poder? • Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens? • Há a mobilização de elementos paratextuais (quadros, imagens, cores...) ou supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados...)? Como eles agem na construção dos sentidos do texto? Observe, caso o texto possibilite, a forma de grafar as palavras, as cores, a expressão gestual, a forma das imagens, a entonação, as pausas, etc.

Fonte: BARROS (2012, p. 19-20).

Um modelo teórico/didático do gênero relato pessoal

Segundo os procedimentos sugeridos por Bronckart (2003) e Barros (2012), selecionamos alguns exemplares do gênero textual para compor nosso *corpus*. A saber, o primeiro é o relato “Minha primeira professora”, de Paulo Freire (ANEXO 1); por segundo, o relato “Pipas no céu de Pacaembu”, do autor Ricardo Azevedo (ANEXO 2); e, por último, “A viagem”, da autora Beatriz Ferreira Noble (ANEXO 3).

Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa bibliográfica a respeito da definição teórica do gênero e, sobre esse conjunto de textos, aplicamos as perguntas direcionadoras do Dispositivo de Barros. Os resultados apresentamos a seguir.

Conforme os estudos de Oliveira e Rodrigues (2016), o relato pessoal é um gênero que tem como prática social: propiciar que as pessoas contem experiências vividas, lembranças, apresentando momentos significativos guardados na memória do autor. Conforme a proposta de agrupamento de gêneros de Dolz e Schneuwly (2004, p. 214), o relato pessoal diz respeito ao domínio da “documentação e memorização das ações humanas”.

Nossos exemplares evidenciam essa característica. O relato “Minha primeira professora” (ANEXO 1) conta as experiências de vida, as lembranças da infância de Paulo Freire e os momentos significativos guardados em sua memória. Para comprovação dessa afirmação, apresentamos o seguinte trecho do relato em questão: “A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha”. São alguns acontecimentos com a referida docente que formam o relato de Freire. O outro de relato, “Pipas no céu de Pacaembu” (ANEXO 2), traz as lembranças de seu autor de quando morou no bairro Pacaembu, na cidade de São Paulo. O que pode ser comprovado com o trecho: “Nasci em 1949, no bairro do Pacaembu, rua Ferdinando Laboriau nº 93. Passei minha infância andando de bicicleta e jogando bola nas ruas do bairro que, naquela época, eram desertas, algumas ainda de terra”. No relato “A viagem” (ANEXO 3), a autora apresenta lembranças relacionadas a memórias de medo de ter que viajar de avião em uma ocasião de férias. O que se comprova com a seguinte transcrição: “Planejávamos ir a Porto de Galinhas. Contudo havia um probleminha: teríamos de ir de avião. Quando fiquei sabendo desisti da viagem, “vai que aquele avião cai!?”.

Desse contar um fato, uma lembrança, Guedes (2002 apud KOCHE; MARINELLO; BOFF, 2012, p. 35) explica é essencial que o produtor selecione “uma história que desperte o interesse do leitor e, dentro dela uma questão, de preferência a mais séria de todas as questões envolvidas no fato acontecido”. Nos exemplares em abordagem, há a presença de fatos

que chamam a atenção do leitor, como, por exemplo, no primeiro exemplar, o autor traz a maneira tranquila e pacífica que a professora o ensinou a Língua portuguesa; no segundo exemplar, o autor destaca um bairro tranquilo de se morar e brincar nas ruas; no terceiro, o foco principal é a superação do medo que o autor tinha de andar de avião.

Para Oliveira e Rodrigues (2016), uma das grandes vantagens apontadas para o trabalho do gênero relato pessoal em sala de aula é possibilitar que o aluno se coloque como protagonista do texto que produz. Por assim ser, a produção desse gênero oferece ao professor acesso ao universo dos alunos: suas experiências, alegrias e frustrações, podendo, o docente, criar estratégias para que haja uma aprendizagem significativa no que se refere à prática discursiva da produção textual, uma vez que o aluno estará envolvido no texto a produzir.

Conseqüentemente, o relato pessoal pode estar inserido em diferentes esferas sociais: a esfera cotidiana, a escolar, a jornalística. Os três exemplares escolhidos pertencem tanto à esfera cotidiana quanto à esfera escolar, pois são compartilhamentos em livros e sites pessoais, e um deles em revista direcionadas a docentes.

Seguindo as perguntas direcionadoras do Dispositivo de Barros (2012), o emissor físico, isto é, o autor dos exemplares são: relato 1: Paulo Freire; relato 2: Ricardo Azevedo; relato 3: Beatriz Ferreira Noble. O papel social que esses autores assumem é de relatar memórias, experiências pessoais, as quais são de interesse social, no caso, por Paulo Freire e Ricardo Azevedo serem grandes personalidades na área da educação e da literatura, respectivamente. Já Beatriz é estudante, conforme aponta o suporte de seu texto, possivelmente produziu um relato pessoal sobre uma experiência vivida em decorrência de uma atividade escolar, a qual interpretamos como relacionada a preparar os alunos para participar de uma prática social de linguagem específica.

Sobre os destinatários, eles se constituem de forma bastante ampla, pois envolvem interessados pela vida de personalidades; por temáticas que envolvam histórias de vida; entre outros aspectos. De forma mais específica, sobre os relatos em abordagem neste trabalho, o texto de Freire por, no caso, estar publicado na *Revista Nova Escola*, direciona-se a professores, pesquisadores, envolvidos de forma geral com a área de educação. O relato 2, de Azevedo, tem como público crianças e jovens, uma vez que as obras desse escritor geralmente se destinam a essas faixas etárias, conforme biodata do autor¹. O relato produzido por Beatriz, conforme disponível na web, sendo o texto produzido em situação escolar, tem como destinatário o professor da atividade e, possivelmente, os colegas do terceiro ano do Ensino Fundamental.

Para Costa (2012, p. 202), o relato é uma “narração (v.) não ficcional escrita ou oral sobre um acontecimento ou fato acontecido”. Essa configuração é apresentada na “Tabela de agrupamento de gêneros”, de Dolz e Schneuwly (2004, p. 60) como da ordem do relatar. No mesmo agrupamento, elaborado pelos autores, estão outros gêneros, por exemplo: “o relato de viagem, diário íntimo, testemunho, anedota ou caso, autobiografia, curriculum vitae, notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva, histórico, relato histórico, ensaio ou perfil biográfico, biografia” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p.60). Assim, como esses outros gêneros, o relato não se planifica em uma estrutura rígida, ele se assemelha ao esquema da narração, uma vez que conta uma história, contudo, uma história real.

Conciliado a essa configuração, de que a biografia organiza-se pela narração, embora não trate de história ficcional, Pinto (2016) explica que esse gênero, portanto, constituiu-se de uma sequência tipológica que pode ser intitulada sequência do relatar, tendo a seguinte estrutura em seu plano geral: 1) título: nome do biografado, 2) Texto introdutório: geralmente faz referência aos familiares, ao local e à data de nascimento do biografado, ao campo de atuação profissional, ou seja, à vida pessoal, à formação escolar/acadêmica e profissional, 3) relato em ordem cronológica de acordo com as atividades desenvolvidas ao longo da vida do biografado. Nossas análises demonstram que os três exemplares de relato pessoal se aproximam dessa configuração: a) Tem título e o nome do biografado (conf. ANEXOS 1, 2 E 3); b) não é convergente a este item, visto que não apresenta um texto introdutório; c) relata os acontecimentos em ordem cronológica dos fatos, por exemplo, o Relato 1 (ANEXO 1) inicia contando sobre a primeira lembrança da escola foi a professora, quando o autor tinha 6 anos, década de 20; depois fala sobre acontecimentos de 1964, na sequência de 1977, e assim por diante. Para comprovação, alguns trechos:

Minha primeira professora

[...]

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha.

[...]

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20.

[...]

Quando Eunice me ensinou era uma menina, uma juvenzinha de seus 16, 17 anos. [...]

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice.

[...]

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, [...].
(FREIRE, 1994).

Cronologia que também organiza a estrutura formal do Relato 2 (ANEXO 2):

Pipas no céu de Pacaembu

Nasci em 1949, no bairro do Pacaembu, rua Ferdinando Laboriau nº 93. Passei minha infância andando de bicicleta e jogando bola nas ruas do bairro [...]. Hoje, por ali, passa a avenida Sumaré.
[...]
Até hoje, quando passo pela Avenida Sumaré, lembro de meus amigos e eu sentados no alto de um tremendo barranco, [...]. (AZEVEDO, s/d.).

No caso do Anexo 3, os acontecimentos relatados não envolvem passagem do tempo, com a exposição de datas, mas, da mesma forma, apresenta cronologicamente os acontecimentos, os quais, no caso, estão mais centrados em um curto espaço de tempo, como demonstra o excerto a seguir.

A viagem

No meu aniversário, fui viajar com o meu tio, com a minha tia e o com meu irmão. [...]
No local, fazendo o check-in, não havia ninguém na fila, foi rápido. Estávamos sentados em frente de onde iríamos embarcar.
Depois de uns dez minutos, chamaram o meu voo. [..]

Ocorreu tudo bem.
[...] (NOBLE, s/d).

Sobre os tipos de discursos que organizam o gênero, Henrique (2019), afirma que o discurso em predominância é o interativo, marcado com o uso de pronomes de 1ª e 2ª pessoa do discurso, singular e plural, em vistas a uma implicação do autor sobre o conteúdo temático; uso de dêiticos; e de frases interrogativas, exclamativas e imperativo. Tais elementos característicos estão presentes em nossos exemplares, por exemplo, Anexo 1: “Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice”; Anexo 2, o uso de dêiticos em adverbio de lugar: “Hoje, por ali, passa a avenida Sumaré”, Anexo 3, o uso de frase exclamativa: “Percebi que se eu pensasse assim, não ia poder fazer nada na vida!”.

No que se refere aos elementos linguísticos, para relatar, o autor emprega a forma verbal do pretérito perfeito ou presente histórico, o que é mesmo característico do gênero, conforme estudos de Costa (2012). No exemplar 1, temos o trecho que comprova esse fato: “Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa”. No exemplar 2: “Passei minha infância

andando de bicicleta e jogando bola nas ruas do bairro que, naquela época, eram desertas, algumas ainda de terra”. No exemplar 3: “No meu aniversário, fui viajar com o meu tio, com a minha tia e o com meu irmão”. São acontecimentos já vividos, por esse motivo a construção verbal justifica-se.

Sobre os aspectos que envolvem a coesão, esse gênero faz uso de muitos organizadores textuais para “introduzir o balizamento das fases de uma sequência” (HENRIQUE, 2021, p. 91). Exemplo no relato 1: “Mais tarde ficamos amigos”; exemplar 2: “...jogando bola nas ruas do bairro que, naquela época, eram desertas”; exemplar 3: “Depois de uns dez minutos, chamaram o meu voo”.

A linguagem que predomina nesse gênero depende do grau de intimidade entre os interlocutores, podendo ser formal ou informal. O tom do texto varia muito de acordo com a experiência vivida e a ser contada pelo autor e quem são seus destinatários. No exemplar 1, tem-se um tom mais formal, por exemplo, até a expressão utilizada para fazer referência à personagem da história é explicada, devido a uma relação de não proximidade direta. A saber:

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças" (ANEXO 1).

Já o exemplar 2 e 3 apresentam um tom mais descontraído e familiar, pois ambos contam experiências envolvendo membros da família do autor; Exemplos:

Assisti minha irmã e seus colegas, junto com os moradores da favela, construírem com as próprias mãos uma capela de madeira na beira de um barranco, na rua João Arruda antes da descida. Brinquei muitas vezes na favela Buraco Quente e fiz amizade com alguns moleques que moravam lá. Descobri que os caras sabiam fazer pipas muito melhor do que eu. (ANEXO 2)

Expostos nossas análises, a próxima seção apresenta uma síntese dos resultados.

Considerações finais

Com o objetivo conhecer os elementos que caracterizam o gênero relato pessoal, ou seja, elaborar um modelo teórico/didático do gênero, analisamos um conjunto de exemplares do gênero. Os resultados colocaram em evidências as especificidades do gênero, em destaque aqui sintetizadas.

Quadro 2: Modelo teórico/didático do relato pessoal

Elementos do contexto de produção
Prática social de linguagem: propiciar que as pessoas contem experiências vividas, lembranças, apresentando momentos significativos guardados na memória do autor. Esferas sociais: cotidiana, escolar, jornalística. compartilhamentos em livros e sites pessoais, e um deles em revista direcionadas a docentes. Emissor físico: relato 1: Paulo Freire; relato 2: Ricardo Azevedo; relato 3: Beatriz Ferreira Noble. Papel social do emissor: relatar memórias, experiências pessoais, as quais são de interesse social. Destinatários: se constituem de forma bastante ampla, pois envolvem interessados pela vida de personalidades; por temáticas que envolvam histórias de vida; entre outros aspectos.
Elementos discursivos
Sequência tipológica: da ordem do relatar, tendo a seguinte estrutura em seu plano geral: 1) título: nome do biografado, 2) relato em ordem cronológica de acordo com as atividades desenvolvidas ao longo da vida do biografado. Tipos de discursos: em predominância é o interativo, marcado com o uso de pronomes de 1ª e 2ª pessoa do discurso, singular e plural, em vistas a uma implicação do autor sobre o conteúdo temático; uso de dêiticos; e de frases interrogativas, exclamativas e imperativo.
Elementos linguístico-discursivos
Elementos coesivos: emprega a forma verbal do pretérito perfeito ou presente histórico; uso de organizadores textuais para introduzir o balizamento das fases de uma sequência. A linguagem pode ser formal ou informal. O tom do texto varia muito de acordo com a experiência vivida pelo autor e quem são seus destinatários.

Fonte: as autoras

Referências

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. *Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa*. *Raído*, Dourados, jan./jun. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2003

COSTA, S. R. *Dicionários de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para uma reflexão sobre uma experiência Suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. Os textos narrativos. In: _____. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

HENRIQUE, M. A. B. (2019). Sequências Didáticas para o argumentar em curso de Pedagogia: a produção escrita da crônica argumentativa e da resenha crítica. 389 f. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista (UNESP-IBILCE), São José do Rio Preto, SP, 2019.

KOCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. Estudo e produção de textos: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD – Tubarão, set/dez. 2006.

OLIVEIRA, Andreza de; RODRIGUES, Maria Isaura Pinto. Sequência Didática: uma Proposta para Gêneros da Ordem do Relatar. II Congresso Internacional de Linguística e Filologia; XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. CiFEFiL, Rio de Janeiro: 2016.

PINTO, Margarida Paulino de Cerqueira. Biografia: desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos da educação básica e disseminação da cultura local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas*. Curitiba: SEE, 2016. (Cadernos PDE, n. 2).

ANEXO 1

MINHA PRIMEIRA PROFESSORA

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças".

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar.

Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências - o de minha velha casa do Recife, onde nasci, com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas. A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não me amedrontava, não tolhia minha curiosidade.

Quando Eunice me ensinou era uma menina, uma jovencinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado. Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma.

Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida.

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: "Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-á-bá" (Paulo Freire, publicado pela Revista *Nova Escola* em dezembro de 1994).

Disponível em: <https://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/temdomes/2006/10/mestrelivro/tempro08.php>.

Acesso em: 28 set. 2021.

ANEXO 2

Pipas no céu de Pacaembu

Nasci em 1949, no bairro do Pacaembu, rua Ferdinando Laboriau nº 93. Passei minha infância andando de bicicleta e jogando bola nas ruas do bairro que, naquela época, eram desertas, algumas ainda de terra. Quem desce e descia minha rua e subia a Zequinha de Abreu, ia dar na rua Cardoso de Almeida que, seguindo reto à direita, terminava lá embaixo, no Largo Padre Péricles. Nesse tempo, dava para descer a Cardoso de bonde. Se não me engano, ele seguia depois rumo ao centro da cidade pela avenida General Olímpio da Silveira, que logo adiante virava avenida São João. Nesse tempo, todas as ruas à esquerda da Cardoso de Almeida, como a João Arruda, que ficava a uns quatro quarteirões da minha casa, e as ruas Vanderlei, Caiubi, Bartira, João Ramalho entre outras, iam dar num baita terreno desocupado ocupando o fundo do vale. No meio do matagal, ficava a favela do Buraco Quente. Na parte mais baixa do terreno, havia um córrego. Hoje, por ali, passa a avenida Sumaré. Minha irmã pertencia a um grupo de jovens católicos, o Graal, com sede na Cardoso de Almeida. Esse pessoal, junto com os padres dominicanos – a igreja São Domingos ficava pertinho, na rua Caiubi – costumava ajudar os

favelados. Assisti minha irmã e seus colegas, junto com os moradores da favela, construírem com as próprias mãos uma capela de madeira na beira de um barranco, na rua João Arruda antes da descida. Brinquei muitas vezes na favela Buraco Quente e fiz amizade com alguns moleques que moravam lá. Descobri que os caras sabiam fazer pipas muito melhor do que eu. Fizemos um trato. Eu fornecia o material, papel, linha, cola e varetas e eles, em contrapartida, ajudavam a fazer meus papagaios. Até hoje, quando passo pela Avenida Sumaré, lembro de meus amigos e eu sentados no alto de um tremendo barranco, mais ou menos onde hoje é a rua Ministro Gastão Mesquita, soltando pipa e espiando o sol se por.

AZEVEDO, R. Pipas no céu de Pacaembu. In: Notas bibliográficas. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Pipas-no-ceu-do-pacaembu.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

ANEXO 3

A viagem!

No meu aniversário, fui viajar com o meu tio, com a minha tia e o com meu irmão. Planejavamos ir a Porto de Galinhas. Contudo havia um probleminha: teríamos de ir de avião. Quando fiquei sabendo, desisti da viagem, "vai que aquele avião cai!?"

Percebi que se eu pensasse assim, não ia poder fazer nada na vida!

- Vamos andar de bicicleta?

- Não! Vai que caia e me machuque!

- Vamos à montanha-russa?

- Não! Vai que ela quebre!

Então, decidi. Ia viajar e ia superar o meu medo...

Até que o dia da viagem chegou. Estava nervosa, aflita, tremendo... Saí de casa, indo de táxi ao aeroporto de Congonhas.

No local, fazendo o check-in, não havia ninguém na fila, foi rápido. Estávamos sentados em frente de onde iríamos embarcar.

Depois de uns dez minutos, chamaram o meu voo. Fiquei na frente do avião, não sabia o que fazer: chorar, andar ou voltar.

Determinado momento, tive de entrar. Sentei em meu lugar e o avião decolou. Nada de medo. Até comi meu lanchinho, estava uma delícia...

Ocorreu tudo bem.

A partir daquele momento, não tive mais medo de avião. Inclusive gosto de estar nele.

Beatriz Ferreira Noble. <https://metropolitanojunior.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Gabarito-Apostila-2%C2%B0Semestre-p%C3%A1ginas-153-154-189-e-191.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.